

Discurso de posse no cargo de Professor Catequístico 1958
da ENE

Magnífico Reitor da Universidade do Brasil

Exm^o Sr. Diretor da ENE

Prezados colegas

Minhas Senhoras e Meus Senhores.

É animado de profunda emoção e de um sentimento de legítima satisfação que, após uma ausência de oito anos, volto a esta casa, onde entrei adolescente e saí adulto e engenheiro, para onde voltei engenheiro e saí professor, indo assumir uma cátedra na co-irmã Escola de Minas.

É com um misto de júbilo e de tristeza que volto a sentar-me nesta Egrégia Congregação, ao lado de antigos colegas e velhos mestres, ao mesmo tempo sentindo a ausência daqueles que se foram para sempre, como o saudoso prof. Luciano Keller cujo elogio fúnebre ecoa, ainda, em nossos ouvidos.

As amáveis palavras com que o ilustre colega prof. Octávio Cantanhede vem de saudar-me, devo-as antes à sua conhecida bondade e à confiança com que me tem honrado através de mais de duas dezenas de anos de convívio, desde os tempos de Diretório Acadêmico até os de magistério, passando pelos concursos em que foi meu examinador, do que a meus próprios méritos.

Desde o dia longínquo de 1938, em que aceitei o posto de assistente do professor Allyrio de Mattos, minha carreira profissional teve como meta a cátedra em que hoje sou empossado.

Incentivado, pelo exemplo de probidade profissional, de inteligência, de espírito científico, de trabalho incessante e pelas sábias lições e prudentes conselhos do professor Allyrio de Mattos, a quem a Universidade do Brasil vem de honrar, com toda a justiça, concedendo-lhe o título de Professor Emérito, procurei sempre, sem pressa nem improvisação, mas persistentemente, preparar-me para substituí-lo quando êle se retirasse para o merecido repouso ou para levar a contribuição de sua cultura e de sua experiência ao desenvolvimento da Geodesia e suas aplicações em outro setor de atividade que reclamasse a sua presença.

Não desconheço a responsabilidade que assumo ao substituir tão ilustre professor.

Não são desconhecidas nesta Escola, as atividades do professor Allyrio e o brilho com que as desempenhou durante o fecundo período em que regeu a cátedra de Geodesia e Astronomia de Campo. Respondendo à saudação que lhe fez o prof. Antônio Alves de Noronha na cerimônia de sua diplomação como Professor Emérito, o prof. Allyrio de Mattos, modestamente, disse haver apenas procurado cumprir com o seu dever. Que não se restringiu a tão aconchada tarefa, atestam-no a evolução que a êle é devida, não só do ensino, mas ainda da prática da Geodesia no Brasil.

Partindo da tradição de uma Astronomia teórica, destinada antes à formação de futuros sábios de observatórios, empreendeu êle uma transformação na estrutura da cadeira, até chegar a desenvolver, de tal modo a parte de Geodesia e Astronomia Geodésica que hoje se pode encarar a criação de um curso especializado, atendendo, dest'arte a um reclamo de desenvolvimento de nosso país. Podemos, mesmo, atribuir às lições e publicações do professor Allyrio de Mattos, além do reflexo do conceito imprimido por êle à sua cátedra sobre as outras escolas de engenharia no Brasil, o próprio início dos trabalhos Geodésicos em escala nacional, mui merecidamente postos sob sua direção no Conselho Nacional de Geografia. Tenho o orgulho de, como seu aluno, ter participado dos famosos exercícios práticos de Itatiaia, em 1934/1935, verdadeira mudança de rumo na técnica de Geodesia em nosso país, primeiro trabalho executado segundo as normas das grandes triangulações, fora dos do Serviço Geográfico do Exército na carta de fronteiras.

Chamado para Coordenador da Cartografia em 194 para dirigir a confecção de um mapa do Brasil ao milionésimo no Conselho Nacional de Geografia, não se contentou em repetir as velhas normas. Tomadas as primeiras providências para a compilação do mapa com o aproveitamento de todos os trabalhos existentes, retirou-se o professor Allyrio de Mattos à luta pela execução do nivelamento e da triangulação gerais do Brasil, obras cujas conseqüências se refletirão em vários setores de atividades e por séculos a vir.

Não quero, porém, dar a quem me ouve, a impressão de que falar no professor Allyrio de Mattos é falar em passado somente. Aposentado, para gozar de um justo direito, de retorno a esta Egrégia Congregação como professor Emérito, de le não devemos esperar apenas as advertências e conselhos do "velho", mas a contribuição nova ao ensino e ao ramo de ciência de sua especialidade que podem nos dar o seu entusiasmo e a sua capacidade de trabalho.

Nunca satisfeito de si, nunca pecando por suficiência, é o mais qualificado dos geodestas brasileiros possuidor de uma curiosidade científica e de uma modéstia que podem ser notados em episódios como o de já professor catedrático e dirigente dos trabalhos do Conselho Nacional de Geografia, seguir, como um aluno, um curso no Instituto de Tecnologia de Massachussets ou quando, já apresentado, já indicado para a emergência, ser surpreendido pelo professor Henrique Jorge Guedes assistindo a aulas sobre processos de ajustamento de triangulações usados em França.

Sem me julgar à altura de dar à Escola e ao país uma contribuição da ordem da que lhes deu o professor Allyrio de Mattos, estou certo de que muito poderá ser feito si for conservado na sua cadeira e espírito que o animou e as lições que legou a tantas gerações de engenheiros.

Estamos em uma época de grande desenvolvimento das Ciências e Técnicas, e, em conseqüência, de revisão de métodos educacionais.

Com uma verdadeira diminuição do mundo, em face do incremento de sua população, da expansão dos grandes sistemas de comunicações, transportes, grandes obras hidráulicas, quando estamos mesmo, no limiar do prolongamento da era dos descobrimentos pela da exploração dos espaços cósmicos, avultam as aplicações da Geodesia e ciências afins. Em particular no Brasil, é cada vez mais premente a

necessidade de uma cobertura cartográfica, sobretudo na fase que a atravessamos, de valorização de nosso interior. Desenvolveu-se, tanto a Geodésia, como uma ciência viva, atualizada, recebendo o influxo das outras ciências e nela repercutindo, que mister se faz a preparação de seus especialistas, não mais satisfazendo o seu estudo como um capítulo secundário, um parente pobre, nos cursos de Engenharia Civil.

Saudamos assim o acerto da decisão da Egrégia Congregação da Escola Nacional de Engenharia em criar o curso independente de Engenheiros geógrafos, ao mesmo tempo em que nos congratulamos com a Faculdade Nacional de Filosofia que, criando o curso de Astronomia vem ao encontro de uma necessidade de nosso desenvolvimento científico num terreno que lhe é privativo.

Está, atualmente, na ordem do dia, a discussão sobre o aperfeiçoamento de ensino dos diversos ramos da engenharia em nosso país. Creio não ser deslocado o momento para dar uma contribuição modesta.

À base da atual discussão sobre ensino da Engenharia está a experiência estrangeira. Isto é justo. Um país como o nosso, ainda na fase de importação de tecnologia, não pode deixar de incluir, na luta de emancipação travada em todos os setores, a de formação de seus engenheiros e cientistas e, mesmo, de sua técnica e de sua ciência, esses ramos da cultura que, por integrada que seja no patrimônio comum da humanidade, não pode perder o seu caráter nacional.

Muito evoluído conhecimento humano desde os tempos de obscurantismo medieval até as suntuosas realizações dos contemporâneos.

O ponto de partida do atual avanço das ciências e das técnicas pode ser situado no "sábio" europeu, o representante da pequena casta que tinha acesso aos estudos e cujos trabalhos, no domínio da especulação científica pura, só muito lentamente ia sendo assimilado pela sociedade, no processo de produção.

Com o desenvolvimento da grande fábrica capitalista necessário se faz a preparação do técnico, do especialista a quem se ministrava, num setor restrito, o conhecimento dos resultados e das aplicações da ciência, a par da experiência e da tradição artesanal. Este processo evidenciou a necessidade de uma democratização da educação, a começar da básica elementar, tornando a escola acessível a massas cada vez maiores.

O ascenso da indústria dos Estados Unidos da América, a ausência, ali, de tradições artesanais, as oportunidades abertas aos possuidores de uma boa qualificação profissional, propiciaram a formação, em grande escala, de técnicos e engenheiros que, embora em muitos casos não tivessem uma sólida base teórica, eram bastante eficientes para apresentar os resultados conhecidos de todos. Nação rica e poderosa, supria a deficiência de cientistas nas universidades e institutos científicos da Europa.

Bloqueados pela desconfiança e pelas alianças hostis que os cercavam, tiveram os soviéticos, diante de si problemas análogos aos dos americanos na criação de um vultoso parque industrial, agravados com a impossibilidade de recrutar, no estrangeiro, os cientistas de que careciam.

Reunindo o que lhes sobrou da guerra civil e de intervenção que se

seguiu ao estabelecimento de seu governo revolucionário, no que diz respeito homens e recursos científicos e técnicos, baseando e assimilando a experiência dos outros povos e a sua própria tradicional, em particular a europeia no tocante à formação de cientistas e a americana, no que se refere a uma educação democrática e massiva, lançaram as sementes do que hoje colhem à vista de todos.

Com a luta pela hegemonia, ou simplesmente pela sobrevivência como nação soberana, que hoje se desenrola no mundo, estendendo-se cada vez mais para o terreno fértil das realizações técnico científicas deparam-se, todos os países, da Índia e da China aos Estados Unidos e a países da Europa, o nosso Brasil inclusive, com a tarefa de preparar engenheiros que, a par de eficiente formação técnica, sejam dotados de cultura científica bastante aprofundada para que, no seu meio, possam ser encontrados os inovadores e os talentos criadores, de vez que qualquer progresso técnico, no ponto atingido pelo engenho humano, só é obtido pela aplicação imediata de novos conceitos científicos.

É um lugar comum, entre nós, os universitários, culpar o ensino médio pelas deficiências do material humano que nos é dado a plasmar. Não fosse a experiência de cada um de nós e a própria unanimidade desse reclame mostraria a sua procedência. Resta-nos, sem abandonar nossas críticas e exigências, encarar isto com realismo e procurar aproveitar da melhor maneira os jovens que nos são confiados.

Entre os problemas suscitados pela presença de um incremento no ritmo de formação de engenheiros no Brasil, está o da falta de atrativo material para as carreiras dependentes de alto nível cultura, em comparação com a prosperidade desfrutada pelos que se dedicam às especulações e expedientes. Esta é uma observação tanto mais justa quando se trata dos geógrafos, dispersos em nosso imenso território, sujeitos a condições de vida bem mais duras do que era de esperar para quem possui o curso de nível universitário superior.

Esse dia, que tem para mim tanta significação, que representa o fim de um caminho árduo, não o quero deixar passar sem expressar a minha gratidão àqueles que sempre me apoiaram e a cuja compreensão e incentivo devo este êxito. À minha saudosa mãe, que tanto se orgulharia de estar aqui presente. Ao meu pai, o amigo de todas as horas, exemplo de dedicação à família e ao trabalho. À minha esposa, admirável companheira e colega, sempre a me animar e a me assistir. Aos meus amigos e colegas da Escola de Minas a quem devo acolhida fraternal durante os anos em que lá permaneci. Aos meus amigos e colegas da Escola Nacional de Engenharia, pelo apoio espontâneo dado a meu pedido de transferência e, sobretudo, pela confiança em mim manifestada e pelo serviço prestado a mim, à Escola e à Universidade, votando pela rejeição daquele pedido.